Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A CLÍNICA COM A NEUROSE OBSESSIVA, HOJE

MAURO MENDES DIAS – MAURO.M.DIAS@UOL.COM.BR

Resumo: O texto apresentado na Jornada do dispositivo clínico do Instituto Vox aborda a neurose obsessiva segundo a retomada de Lacan em relação às contribuições freudianas. Articula também a presença necessária de três cortes na condução do tratamento da neurose obsessiva.

Palavra-chave: neurose obsessiva.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A CLÍNICA COM A NEUROSE OBSESSIVA, HOJE

MAURO MENDES DIAS – MAURO.M.DIAS@UOL.COM.BR

Abstract: The text presented at the Vox Institute's Clinical Device Conference addresses obsessional neurosis according to Lacan's resumption of Freudian contributions. It also articulates the necessary presence of three cuts in the treatment of obsessive neurosis.

Keyword: obsessional neurosis

São Paulo
2025

Um dos motivos que me levaram a retomar a clínica com a neurose obsessiva, hoje, é o de contribuir para que a abordagem de tais sujeitos possa ser orientada pela estrutura que é própria a ela e, assim, fazer barreira a desqualificações, sempre presentes, nas falas sobre tais sujeitos. Sabemos das dificuldades existentes nas conduções de tais tratamentos. Contudo, quando a degradação assume o primeiro plano, podemos constatar o nível de desconhecimento dos fundamentos da experiência clínica.

Essa primeira observação, conduz à segunda, ressaltando que a retomada que Lacan realizou da experiência freudiana com o homem dos ratos, no texto, "O mito individual do neurótico" (1952/2008) introduz alguns limites que merecem ser indicados. Diante da quantidade de textos freudianos que ligam a neurose obsessiva a outros campos, chama a atenção o limite do texto de Lacan em relação a eles. Contudo, é digno de nota que as elaborações que contribuem para essa clínica e estrutura se encontrem distribuídas, e não concentradas numa única referência, na obra de Lacan.

Encontramo-nos, também, advertidos de que não foram muitos os alunos do mestre francês que se dedicaram a falar sobre a clínica e seus impasses, com a neurose obsessiva. A prova disso é a presença frequente — digo isso a partir de minha experiência como supervisor de casos clínicos e participante de discussões clínicas — da confusão entre neurose obsessiva e psicose paranoica, assim como, com histeria e esquizofrenia. Não deve ser por acaso, portanto, que se recolha em nossas comunidades a atribuição de neurose obsessiva a sujeitos que se expressam visando esclarecimentos minuciosos e rigorosos. Some-se a isso a indicação de medicamentos em quadros compulsivos, de tiques, por exemplo, sem antes insistir numa tentativa de entendimento de tais manifestações. Isso não significa que muitos desses sujeitos não sejam beneficiados pela medicação. Dada a urgência que move as condutas impulsivas visando o bem-estar do paciente, deixa-se de esclarecer por que, de uma hora para outra, uma preocupação passa a assumir um caráter compulsivo, impedindo o sono do sujeito, assim como, que este assuma os compromissos habituais da sua vida.

Tais episódios são a posta em ato de uma invasão a que o sujeito não encontra meios de fazer barreira; ele apenas responde sim a seu comando. E a condição de seu comando é a presença de uma voz que é sinônima da força de insistência de seus pensamentos repetitivos, que ele não consegue interromper. Algo do real emerge, entendendo que a irrupção da obsessão é a sua própria verdade, qual seja, a falha do simbólico em incluir essa emergência numa cadeia significante que permitiria um sentido, como sinônimo de ponto da basta.

É, portanto, pela retomada do sujeito na significação e no sentido, que o real pode ser incluído no simbólico, promovendo, ao mesmo tempo, uma queda da posição anterior do sujeito. Tal manejo não produz efeitos imediatos, ao mesmo tempo em que se encontram ligados à transferência no tempo de seu fechamento, que é aquele no qual o sujeito desaparece. São, portanto, nesses momentos de fechamento do sujeito ao Outro — que são os tempos de fechamento do inconsciente — que o psicanalista invoca o sujeito para a laço, pelo discurso que estabelece com ele.

Vou chamar de Caio um analisante que volta a me procurar para a análise, depois de um tempo de interrompida, com uma preocupação que o atormentava 24 horas por dia, impedindo-o de dormir, e fazendo com que ele andasse de um lado para o outro no novo apartamento. Durante a arrumação da nova casa, para onde mudara com seu companheiro, ele havia encontrado um livro que havia pego emprestado seis anos antes na editora em que trabalhava na época. Agora ele se dá conta de que não o havia devolvido e, com isso, uma série de preocupações absurdas de acusação passam a surgir em seus pensamentos, tomando conta dele. Ao mesmo tempo não parava de tentar contato com a editora e a pessoa com quem tinha pego emprestado o livro, segundo ele, valioso. Diante da exaustão e abatimento com que volta a me procurar, indico-o para ser medicado por um colega psiquiatra, bastante cuidadoso e bem-orientado nesses casos. Antes disso, durante três sessões procurei investigar com ele o que poderia ter causado essa manifestação tão extraordinária, considerada por ele mesmo como absurda. Depois de três semanas medicado, mesmo continuando menos atormentado, começo a indicar para ele que haviam se passado seis anos desde a última vez que nos despedimos. E fazia também seis anos que ele havia saído do emprego da editora onde tinha pego o livro emprestado.

O que importa reconhecer nesse tempo é a tentativa de se consolidar numa posição que mantinha compromisso com a consistência do fantasma. E com tal efetividade que, ao sair pela primeira vez da análise, saiu porque considerava estar bem, o que era suficiente naquele momento. O que se depreende agora é que o ponto que não havia sido tocado é o ponto em que sustentava sua existência a partir do lugar de admiração do olhar da mãe, que o considerava perfeito, incentivando-o a não se casar, porque ele não tinha sido feito para isso. No entanto, não só ele estava casado agora, como o companheiro com quem ele vivia lembrava a ele em diferentes situações que ele não era perfeito, criticando-o quando era o caso. A presença do livro que não havia sido devolvido é o outro nome do que ele não havia deixado cair, o olhar de sua mãe. A causa de sua angústia é o objeto livro, o qual apresenta a ele um real, enquanto objeto que o causa devido a uma falta irremediável, uma fissura, impossível de reparar.

O que ele não esperava, mantendo sua vida na referência do olhar de sua mãe, é que em algum momento esse olhar poderia promover sua queda — queda causada pela presença de seu casamento e imperfeição, a partir dos quais não era mais possível manter a posição com sua mãe. A impossibilidade de devolver o livro marca o momento em que o sujeito descobre que não tem como se manter tal como antes, não há conserto para esse acontecimento, e é a presença do livro que não o deixa esquecer isso. É a partir da inclusão dessa perda irremediável, como ponto da falha e de corte com a posição anterior, que prossegue na vida que escolheu viver com seu companheiro, havendo-se com as dificuldades e realizações, a serem avançadas e consolidadas.

Desde Freud somos orientados por três traços presentes como dominantes na neurose obsessiva: 1º- sua ligação estreita com a fase anal. 2º- o caráter sádico e cruel do supereu. 3º- a tendência para a ambivalência na expressão dos afetos, particularmente entre amor e ódio, seguido de atos impulsivos

Consideremos, a partir de uma leitura da lição do dia 19 de junho de 1963, no Seminário da Angústia, um momento fecundo da releitura de Lacan, face ao que Freud havia nomeado como fase anal. Ele, Lacan, vai nomear essa fase como sendo de dominância da demanda do Outro na estruturação do desejo do sujeito. Indicando, também, que as fezes se constituem como objeto causa de desejo.

No tocante ao caráter sádico e cruel do supereu, é preciso lembrar a ligação que Lacan faz do supereu com a voz e a fase oral. A voz comparece ligada com a fase oral, é assim que entendo, porque o seio que é introduzido pela mãe, ela o faz em função de seu próprios desígnios, na medida em que a hora de dar o seio é ela quem decide, a partir do que e capaz de decodificar dos apelos do pequeno infans. Tal como Alain Didier Weil (1997) havia escrito, o primeiro tempo do supereu é, "Nem uma palavra" (p.25), ou ainda, sou eu a mãe quem decide pela satisfação, é sua lei que comanda, são as limitações dela que se impõem.

Essa presença dominante do Outro sobre o sujeito vai ser significada na fase seguinte de duas formas. A primeira é a ade dizer sim a palavra imperativa do Outro, correspondendo a demanda dele, consentindo em ser obediente. A segunda é a de dizer não a essa demanda, recusando-a, fazendo equivaler revolta com desejo. Desde então, podemos situar a ambivalência que é própria ao sujeito obsessivo: apassivado e revoltado, amoroso e odioso. Da mesma forma, encontramos a base desde a qual nos orientamos em sua impulsividade: seja como apaixonado disposto a mover montanhas por sua nova paixão, ao mesmo tempo que se

faz presente com implicâncias, acusações e discussões desnecessárias, mostrando falta de importância da paixão, dizendo não, fundamentalmente, ao Outro.

Vou procurar mostrar agora três cortes a serem incluídos no tratamento da neurose obsessiva. O primeiro se refere a um corte necessário com o gozo do Outro que vem como efeito do sujeito em ter de corresponder a demanda do Outro. Tal demanda possui um fundamento que a justifica e sustenta, já que é através dela que o sujeito haverá de ser incluído com o seu corpo e cuidados no laço social. No entanto, consideremos que o fato de haver uma condição adaptativa na demanda do Outro não exclui que o sujeito goze de ser obediente. O corte que se faz necessário incide nesse ponto em que o sujeito não apenas entrega suas fezes no lugar correto, ainda, ele goza de se fazer ver ao Outro; por isso mesmo, como afirmou Lacan, as fezes são objeto causa. Ele se faz ver pela entrega ao Outro, fazendo-se merda dele mesmo, ou seja, anulando-se ao ser objeto de entrega. É o reconhecimento do Outro que o faz gozar, fazendo-se ver admirado pela obediência.

Dessa forma penso que se pode acompanhar a elaboração de Lacan quando faz a ligação, no Seminário da Angústia, 19/06/63, da fase anal com a pulsão escópica. O corte que assinalei como necessário incide nessa posição em que o sujeito goza de se fazer ver pela demanda do Outro, como se não houvesse alternativa a ela, como se ela devesse se estender do vaso sanitário às relações pessoais. Trata-se de uma tentativa do sujeito de se colar a uma imagem ideal, como sinônima de admirável. O efeito do corte nesse ponto enlaça uma outra posição, que é aquela onde o sujeito se refaz com o Outro, recusando a posição anterior com ele, recusando, insisto. É a esse Outro que ele passa a atribuir a causa de seu assujeitamento, uma vez que se separou dele, pelo corte. E faz de sua contestação ao domínio do Outro a condição de encobrimento de seu consentimento a ele, para que tal montagem se mantivesse.

Um segundo corte se apresenta como necessário, de forma a que o sujeito se reconheça implicado em corresponder à demanda do Outro, em sua posição anterior. Assim, ele poderá avançar na direção do terceiro corte, que é aquele que vai permitir se arriscar em novas escolhas e posições, com perdas incluídas. Caminho onde a reinvenção da própria história se conta como possível. O fato de esses três cortes poderem ser articulados não significa que eles sejam realizáveis na maior parte das vezes. Isso porque, em primeiro lugar, o sujeito obsessivo é refratário ao corte. Ele se contém, se reserva o direito ao silêncio, demandando sempre algum tipo de retorno esclarecedor sobre o que fazer, como forma de colocar em dúvida o que vem do analista.

Freud destacou o caráter de retenção do sujeito obsessivo, ou seja, entre ele e o Outro, no primeiro tempo da estruturação, ele não cai por inteiro da ligação com o Outro, ele retém, se segura, e não caindo como objeto do Outro, ele não cede a separação com o Outro, parte dele se mantem ligada, fixada. Por isso mesmo, podemos acompanhar a elaboração do psicanalista Bernard Vandermesh, quando afirma, em uma de suas lições sobre topologia da neurose obsessiva, que, nela, "estamos confrontados ao paradoxo de um corte que não é decisivo, de um corte que não corta" Ou ainda, há uma parte que não cai, tal como afirmado antes. Essa parte que não cai, como sinônima da voz do Outro, é o que permite distinguir o porquê de em seu caso as vozes não virem de fora, tal como no psicótico. Mas sim, como sinônimas de pensamentos que se impõem a ele de forma atormentada.

Sim, ou não, podemos reconhecer que é na clínica com o sujeito obsessivo que a voz do analista se introduz como voz que corta o sujeito do diálogo consigo mesmo, por um lado, e por outro, a voz do analista convoca o sujeito a invocar o Outro, reconhecendo sua posição desejante, responsável por sua causa, através da divisão que experimenta.

O fato de já se ter articulado a foraclusão da castração, como Charles Melman o fez, com a neurose obsessiva, não faz, por isso mesmo, dela neurose, uma psicose. Ele a mantém como neurose. Resta esclarecer, o que não será realizado hoje, sobre uma modalidade de foraclusão que se diferencia da foraclusão do Nome do pai, própria a psicose. Como indicação, podemos nos referir à alucinação episódica no homem dos lobos, ao qual Freud atribui o diagnóstico de neurose obsessiva, da foraclusão responsável pelo episódio delirante em Schreber, como psicose. A indicação dos casos não é suficiente para abarcar o conjunto dos elementos estruturais que os distinguem, no tocante ao que se nomeia como foraclusão. Ao mesmo tempo, mostra-se a necessidade de esclarecer a modalidade de corte que participa da foraclusão na neurose obsessiva, como alternativa possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDIER-WEIL, A. *Os Três Tempos da Lei – o Mandamento Siderante, a Injunção do Supereu e a Invocação Musical*. Jorge Zahar Editor, Jorge Zahar, 1997

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005,

LACAN, J. (2008). *O mito individual do neurótico (*1952). Rio de Janeiro: Zahar.